

6 - VÊNUS E MARTE: AMOR E SEXUALIDADE EM CONFLITO NA HISTÓRIA ANTIGA

Pérola de Paula Sanfelice⁸⁶

RESUMO

Neste artigo, propomos enfatizar, por meio de um debate historiográfico, a relação da sociedade romana com sexualidade e a importância da cultura material (as pinturas parietais) como interessantes instrumentos de análise histórica e reflexão sobre o mundo antigo.

É recorrente no meio acadêmico a crença de que a área dos “Estudos Clássicos” é, dentre as disciplinas, aquela que está mais afastada do campo da política moderna. Como afirma Martin Bernal “atribuiu-se a ela não apenas um espaço de destaque mas mesmo o ponto mais isolado em uma dita *torre de marfim*” (2005, p.13). Contudo, desde a década de 1990, historiadores das mais diversas origens têm procurado combater estas críticas. Na atualidade, esta área do conhecimento vem enfrentando uma espécie de agitação teórica, na qual existe uma vontade de romper com os modelos descritivos e normativos, que ainda assombram esse domínio de pesquisa.

Diante disso, ampliam-se as temáticas de investigação sobre esse passado longínquo e se traz à tona discussões deixadas de lado pelas literaturas canônicas da Antiguidade, sobretudo, as que tratam do Império Romano, no qual preponderaram sempre as lembranças de um passado glorioso de grandes feitos políticos e militares. Ressaltamos que foi esta história, com pretensões totalizadoras, que delegou à marginalidade os elementos da vida cotidiana e do ordinário, tais como, o amor, o desejo, a sexualidade,

⁸⁶ Mestranda do programa de Pós-Graduação em História da UFPR, bolsista CAPES, atualmente desenvolve a pesquisa intitulada “**Amor e sexualidade em ruínas: as representações da deusa Vênus nas paredes de Colonia Cornelia Veneria Pompeianorum**”. Sob orientação da Prof^a Dr^a Renata Senna Garraffoni. E-mail para contato: perolasanfelice@gmail.com

essenciais para compreender a construção das subjetividades humanas, nas múltiplas articulações do passado.

Em meio a estas inquietações, buscamos, em nossa pesquisa, investigar os significados destes elementos na sociedade romana. Desse modo, neste artigo, propomos enfatizar, por meio de um debate historiográfico, a relação da sociedade romana com sexualidade e a importância da cultura material (as pinturas parietais) como interessantes instrumentos de análise histórica e reflexão sobre o mundo antigo.

Nesse sentido, propomos apresentar uma abordagem teórico-metodológica, de assuntos relacionados à sexualidade e arqueologia, com ênfase em um estudo de caso, no qual é analisado um documento (uma pintura pompeiana de cunho sexual) em seu próprio contexto arqueológico, além de algumas representações imagéticas com conotações apotropaicas e amorosas, sobretudo as imagens da deusa Vênus, (divindade altamente relacionada com assuntos sexo-amorosos) pintadas nas paredes de Pompeia, cidade a qual preservou um rico patrimônio documentando, assim, a vida cotidiana do povo romano. Por fim, as documentações apresentadas no final da discussão, visam proporcionar possíveis aplicações práticas das questões teóricas propostas ao longo artigo.

O CARÁTER DISCURSIVO DA ANTIGUIDADE CLÁSSICA

Quando analisamos o passado antigo, é necessário que tenhamos um olhar crítico sobre ele afim de se poder evidenciar uma certa instrumentalidade da História Antiga. Devemos também refletir a cerca da relação entre o passado e o presente, como afirma o historiador Glaydson José da Silva, “o estudo da Antiguidade, como os discursos sobre o passado, de uma forma geral, não deve ser dissociado de seus contextos de produção, assim como também, de suas apropriações posteriores” (SILVA, 2007, p.27). As narrativas sobre o presente, que privilegiaram o mundo antigo, evidenciaram e ainda evidenciam um caráter marcadamente discursivo a respeito da Antiguidade. Desse modo, “de Renascença

em Renascença a Europa inventou toda sorte de Antiguidade” (2007, p.28). Então, quando falamos de Antiguidade, seja ela grega ou romana, é necessário precisar qual antiguidade estamos nos referindo. Pois há a existência de diferentes antiguidades, ou melhor, diferentes leituras da mesma, que por vezes foram desenvolvidas para atender aos interesses daqueles que reivindicavam uma certa herança clássica ocidental.

Como aponta Glaydson Silva, há a Antiguidade renascentista dos séculos XV e XVI, buscava no pensamento clássico o seu modelo; há a comparativista do XVI e XVII, diante da descoberta dos ameríndios, se desenvolvia no estabelecimento dos pressupostos etnocentristas; há a de 1789, empregada para os interesses dos jacobinos e girondinos; há aquela do século XIX, que ajudou a forjar os ideais de identidade, continuidade dos Estados-nações; ou aquela do século XX que serviu para legitimação dos regimes autocráticos e das práticas políticas (SILVA, 2007, p.30). A partir destes pressupostos, fica evidente que as diferentes leituras da antiguidade apontam para o presentismo do pensamento antigo na produção das práticas políticas, dos jogos identitários, das doutrinas, enfim, das visões de homem e de mundo no Ocidente.

Entretanto, também fica evidente, que os estudos clássicos excluíram de suas abordagens questões ligadas a sentimentos, pois elas remetiam ao mundo das subjetividades humanas. Por muitos anos privilegiou-se apenas uma temática, àquela relacionada à guerra, à conquista proporcionada pelo Império Romano. Na maioria das vezes, quando se recorreu a Roma, esta iniciativa estava atrelada a ratificação de uma identidade gloriosa. Desse modo, as pesquisas acadêmicas centraram-se nos estudos dos grandes feitos políticos e militares e, por consequência, fixaram o seu olhar sobre os grandes homens (imperadores, senadores, generais) e sobre seus empreendimentos e conquistas (HINGLEY, 2005, 2010). Masculinizada, a historiografia excluiu de suas narrativas estudos que tratassem das mulheres, das relações afetivas, do amor e da

sexualidade, pois temas como estes, segundo a tradição clássica, em nada interferiam no desenrolar dos acontecimentos históricos.

Como já destacou Marina Cavicchioli, em um mundo contemporâneo em que Marte justifica as políticas sociais de guerra e expansão, como voltar os olhos para o passado e resgatar Vênus, trancada nas salas dos museus? (CAVICCHIOLI, 209, P.05) Para tanto, apontamos os estudos de Lourdes Feitosa, nos quais a autora demonstra por meio de inscrições da cidade de Pompeia, que ao contrário do que se propagava, os romanos não viviam apenas envoltos as guerras, o amor também fazia parte do cotidiano romano:

A palavra “amor” e outras próximas, como desejo paixão, ternura, ciúmes, têm instigado os homens desde a Antiguidade (...). No vocabulário latino, termos como *amor*, *affectus*, *dilectio*, *caritas*, *eros*, possuem significados que se interseccionam entre amizade, afeição, amor, paixão, desejo e ternura, representando “amor por um amigo”, “amor por um namorado”, “amor como desejo sexual” ou “amor como um ato de solidariedade” (FEITOSA, 2005, p.97).

Frente a estas afirmações, pode-se perceber que a palavra *amor* possuía uma pluralidade de sentidos no pensamento antigo, sendo envolvida e recoberta por uma complexidade de significados, podendo ser aplicada tanto às emoções quanto à vida sexual ou ao desejo puramente sexual, conceitos que são concebidos de maneira distinta no mundo ocidental moderno sobrecarregado de juízos de valor. Uma releitura desta temática se torna necessária na medida em que Roma antiga, por muitos anos, foi vista pelos olhos do anacronismo de determinados momentos históricos, nos quais temas como a sexualidade e o amor foram interpretados pela historiografia como problemáticas menores. Sobretudo, porque nas sociedades ocidentais, a influência do pensamento judaico-cristão designou ao sexo uma conotação nociva, assim como os objetos, imagens e escritos com referências sexuais, que passam a ser considerados incitações à pornografia, à libidinagem.

Uma revisão crítica e um novo posicionamento sobre os significados atribuídos a essa documentação de cunho erótico ainda é algo muito recente na historiografia clássica,

que só há pouco tempo mostrou ser viável e a produzir resultados consistentes. Destacamos, então, que temas como amor, erotismo, desejo, sobretudo, a sexualidade, temática que receberá uma maior ênfase em nossas discussões, além de um tabu social ao longo do século XX, foram temas controlados por diferentes formas de políticas e, também, entendido como algo secundário no campo das Ciências Humanas. Foi somente em meados das décadas de 1980 que estudiosos procuraram questionar tais pressupostos abrindo caminho para, como afirmam Lourdes Feitosa e Margareth Rago, “recuperarem-se de um enorme ostracismo acadêmico, obras literárias, inscrições e imagens com conotações sexuais” (FEITOSA; RAGO, 2008, p.108).

Diante dessa assertiva, destacamos que ao se selecionar um tipo de cultura a ser estudada, os pesquisadores optaram por um determinado tipo de passado a ser construído. Como assinalou Keith Jenkins, o discurso histórico é um constructo ideológico, o historiador elabora ferramentas analíticas e metodológicas para extrair do passado as suas próprias convicções a fim de legitimar suas perspectivas (JENKINS, 2005, p.40). Num contexto de guerra, em que se buscava recuperar um passado militar cheio de glórias, por que se resgatariam discussões a respeito dos sentimentos, do amor, da sexualidade e elementos do universo feminino? Contudo, esse quadro vem mudando, em decorrência de algumas mudanças político-sociais, as quais alteraram profundamente o pensamento ocidental refletindo, de certa forma, nas pesquisas acadêmicas, como veremos a seguir.

NOVAS EPISTEMOLOGIAS, SEXUALIDADE E CULTURA MATERIAL: UMA BREVE INCURSÃO TEÓRICA

Nas últimas décadas importantes debates filosóficos estimularam uma revisão de conceitos e valores tradicionais difundidos entre o pensamento ocidental ao longo dos séculos XIX e XX. Os modelos normativos de interpretação da sociedade sofreram críticas das mais diversas origens, que de certa forma coincidiram com a multiplicação dos sujeitos sociais, frutos dos movimentos que reivindicavam direitos civis nos Estados

Unidos, nas décadas de 1950 e 1960, dos movimentos feministas e estudantis do mesmo período. As reflexões teóricas e os estudos empíricos mostravam como as identidades sociais eram múltiplas e fluidas e como os modelos normativos não davam conta da diversidade social.

Nesse ambiente de constantes elaborações e reelaborações dos quadros sociais, tornaram-se frequentes as lutas contra as desigualdades sociais, religiosas, étnicas e sexuais, entre outras, proporcionando a organização de movimentos feministas, de operários, de imigrantes, de negros, de homossexuais e de outros grupos deixados à margem pelas estruturas instituídas. Conforme apontou Stuart Hall, nesse contexto o que se sobressaiu foram as rupturas epistemológicas, nas quais velhas correntes de pensamentos foram rompidas, velhas constelações deslocadas, elementos novos e velhos foram reagrupados ao redor de uma nova gama de premissas e temas (HALL, 2003,p. 131).

A epistemologia da História também enfrentou um momento de profundos questionamentos, tanto do ponto de vista de seu método, de seu conteúdo, quanto dos conceitos utilizados em suas narrativas. Talvez este seja um dos grandes legados do pensamento de Michel Foucault às ciências sociais e humanas, pois, a partir dele, foi possível estabelecer densas críticas à escrita da História e, ao mesmo tempo, abrir espaço para pensar analiticamente o processo de produção dos discursos originários do ambiente acadêmico (FOUCAULT, 1996). Embora criticado por algumas feministas, por concentrar-se numa perspectiva masculinizada da sexualidade (GILCHRIST, 1999, P.55) seus estudos foram fundamentais para pesquisas posteriores que passaram a pensar a sexualidade como produto de um discurso mais do que uma prática biológica. Estas novas perspectivas que contrariaram as naturalizações das identidades sexuais e ganharam maior impulso após uma historização das formas pelas quais se construíam os principais dispositivos de poder, dentre eles o da sexualidade. Segundo Margareth Rago, tais empreitadas

epistemológicas provocaram profundas ranhuras no pensamento acadêmico moderno, levando os historiadores a repensar suas práticas e seus fazeres:

Que possibilidades restavam para os historiadores quando o passado passava a se reduzir a discursos, os documentos a monumentos, a temporalidade se dissolvia e os objetos históricos tradicionais já não se sustentavam com tanta obviedade quanto antes? E o que fazer com os sujeitos, com as classes sociais (...) ou com os sujeitos históricos que, nos anos 80, comprometiam-se com a luta pelos direitos de cidadania, como os negros, as mulheres, os homossexuais? Como ficava, então, a tarefa do historiador? (RAGO, 1995)

Diante disso, diversas correntes de pensamento romperam com as rígidas estruturas do saber histórico, buscando fundamentar suas análises nos múltiplos aspectos da vida ordinária. Para Joan Scott este contexto,

Já produziu uma riqueza de novas evidências anteriormente ignoradas sobre esses outros e chamou atenção para as dimensões da vida e das atividades humanas normalmente consideradas sem valor suficiente para ser em mencionadas pelas histórias tradicionais. Também ocasionou uma crise na história ortodoxa, por multiplicar não só estórias, mas também sujeitos, e por insistir que histórias são escritas a partir de perspectivas ou pontos de vista fundamentalmente diferentes – e até irreconciliáveis – nenhuma das quais é completamente verdadeira (SCOTT, 1998, P.24).

Análises como estas, foram desenvolvidas, sobretudo, pelas reivindicações de estudiosas feministas, que buscavam compreender os processos de mudanças, rupturas e continuidades no interior da sociedade ocidental, dando visibilidade a sujeitos que durante muito tempo foram fadados ao esquecimento ou a marginalidade da pesquisa histórica. Para Huysen, o movimento de mulheres tem levado a algumas mudanças significativas das estruturas sociais e das atitudes culturais, em que se passou a questionar a ausência das experiências, da história e das vozes femininas nas diversas disciplinas do conhecimento e da arte ocidental, que se estruturaram sem fazer referência alguma às mulheres como objetos de pesquisa ou como agentes da história (HUYSSSEN, 1992, p.78). A fim de remediar este silêncio, as cientistas sociais feministas, com o auxílio de fontes não tradicionais, buscaram construir e discutir a vida cotidiana das mulheres em diferentes

localizações de tempo e espaço. Deste modo, tais abordagens, desafiavam e desnaturalizavam as definições impostas histórica e culturalmente sobre os conceitos de feminilidade e de masculinidade, de hetero e homossexualidade, instituídas ao longo do século XIX e que até atualidade possuem profundos impactos sobre a sociedade e na produção do discurso histórico.

É importante destacar, que embora os estudos de gênero tenham ganhado destaque nos últimos anos, a História Antiga ainda permanece com interpretações muito conservadoras. Os efeitos debilitantes das hierarquias sexuais são evidentes na neste tipo de pesquisa, pois durante muitos anos os dados históricos e arqueológicos foram interpretados de maneira distorcida a fim de preservar uma ideologia hierárquica. Desse modo, muitos documentos foram deixados fora das pesquisas, como os que representavam atos sexuais não-procriativos (incluindo sexo anal heterossexual e a felação). É o que Barbara Voss e Robert Schmidt denominam como o *tratamento lascivo da sexualidade*, que diz respeito à maneira como as pesquisas sobre a sexualidade são conduzidas, geralmente de forma banalizada, em que se tratam os materiais coletados, com representações eróticas e de cunhos sexuais, como incitações a pornografia, e que muitas vezes em seu contexto cultural original não possuem tal conotação (VOSS, SCHIMIDT, 2000). Desse modo, estes autores ainda destacam que objetivo do pesquisador deve ser o de compreender a dinâmica biológica de sexo, gênero e sexualidade, e caracterizar os mecanismos e os limites de suas influências, interações nos contextos sociais de suas investigações, acrescentam ainda,

Os termos que empregamos devem ser escolhidos de acordo com uma situação determinada, e adequada ao contexto cultural que esta sendo investigado. Eles devem fornecer um léxico que permita tornar visível a sexualidade, em vez de torná-la encoberta pelas narrativas que ressaltam o gênero e sexo biológico (VOSS, SCHIMIDT, 2000, p.03).

Como dito, estas discussões no interior da disciplina de História Antiga, ocorreram de maneira tardia, as obras sobre os estudos de gêneros e sexualidade são bastante recentes, os primeiros trabalhos datam do final da década de 1980 e início da década de 1990, e normalmente estudam unicamente o feminino, existindo poucas análises relacionais. Tendo o seu ápice, com os embates feministas, que proporcionaram rever também as fontes históricas disponíveis sobre este período, que se tornaram mais amplas, assim, além das obras literárias canônicas os documentos iconográficos e arqueológicos tornaram-se mais valorizados, tornando-se fundamentais para o estudo do papel das mulheres na antiguidade.

No Brasil destacam-se os trabalhos, relativos ao estudo de Gênero e sexualidade na Antiguidade Romana, realizados por Pedro Paulo Funari, Lourdes Feitosa e Marina Cavicchioli (CAVICCHIOLI, 2004, 2009; FEITOSA, 2005; FUNARI 2008; FEITOSA, FUNARI, SILVA, 2003), que utilizam como principais fontes para as suas pesquisas artefatos, pinturas e grafites encontrados nas escavações na cidade de Pompeia. A preservação dos grafites e de alguns objetos de uso cotidiano permitiu que estes pesquisadores apresentassem novas perspectivas relacionais sobre as mulheres desse período.

Assim, de extrema importância, a documentação material se tornou essencial para o avanço das pesquisas a respeito do Império romano, em decorrência da importância da cultura material neste contexto, conforme Hingley, embora educação letrada da elite fosse muito eficaz, a comunicação entre os indivíduos era predominantemente visual: por meio de moedas, estátuas, pinturas, esculturas em relevos, entre outros. Esse pesquisador ainda acrescenta que os significados destes elementos culturais variavam de contexto para contexto, pois a cultura material carrega intrinsecamente em si um significado social, não verbal, meios os quais as pessoas utilizavam para se comunicar (HINGLEY, 2005, p.72-73).

A partir das constatações podemos aferir que o estudo destes objetos trouxe para a História as experiências cotidianas, como destacou Garraffoni, Funari e Pinto, “um diálogo profícuo da Arqueologia com a História é fundamental não só para rever conceitos e desafiar meta-narrativas, mas também para pensar outras formas de sensibilidades e de visões de mundo” (2010, p.22). Dentre estas experiências cotidianas, a mais negligenciadas pela historiografia foram aquelas relacionadas à sexualidade. Nesse sentido, ressaltamos que dados arqueológicos podem e devem ser aplicados a fim de se obter uma melhor compreensão da sexualidade humana e de suas expressões ao longo da História. Embora a expressão ‘sexualidade’ tenha sido cunhada no final do século XIX por disciplinas alheias às ciências sociais (FOUCAULT, 1990, p.37), atualmente ela tem adquirido conotações diferentes. O seu debate e a sua aplicação têm se tornado adequado por considerar: como os valores culturais interferem no modo como as pessoas se relacionam com o próprio corpo, com os seus desejos, crenças e sentimentos. Tendo em vista que expressões da sexualidade humana estão inseridas em um contexto sócio-cultural, acreditamos que estas podem ser exploradas a fim de pluralizar as interpretações históricas, sobretudo no que tange os estudos da Antiguidade, vista dentre as disciplinas históricas como a mais conservadora, hierárquica e patriarcal.

ARQUEOLOGIA E SEXUALIDADE NA ANTIGUIDADE ROMANA

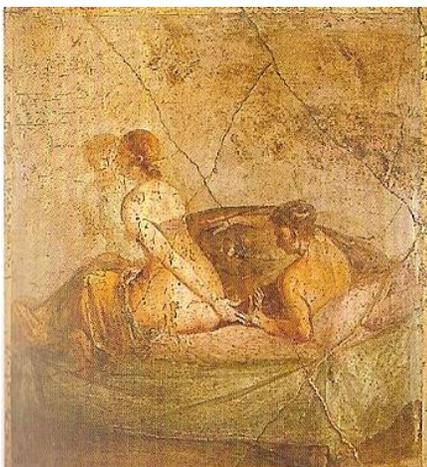


Figura 1- O Casal na cama

Fonte: CLARKE, J.R..
Roman Sex- 100 BC- AD 250. New York: Harry N. Abrams. 2003.p.33.

Na pintura acima podemos observar a cena de um casal na cama, em que homem está nu, deitado, sua mão direita está direcionada para a mulher, insinuando uma súplica, como se estivesse pedindo para ela voltar para seus braços. Já a mulher, de costas, não pode ver os gestos do seu amante, está seminua, encoberta por um lençol. Diante do movimento do seu corpo, é possível imaginar que ela está prestes a levantar da cama, e talvez a sua mão esquerda possa estar em contato com o pênis dele. Essa cena, com elementos que insinuam um ato sexual, faz parte de uma pintura que estava localizada no pórtico de uma casa em Pompeia, um local de livre passagem para aqueles que viviam e frequentavam a residência. Não era uma pintura reservada para as intimidades do casal, tão pouco uma pintura pertence a um prostíbulo, como foi categorizada ao longo do tempo.

A partir desta interpretação cabe a pergunta: como olhar para uma representação de cunho erótico que pode estar espalhada em quartos, salas, corredores, varandas, muros e em ambientes de uso comum? Pinturas e inscrições, que conforme afirma Ray Laurence, estavam espalhados em Pompeia, mostrando publicamente as aclamações e intenções relacionadas aos prazeres sexuais e amorosos, e que em sua maioria foram difundidas e vistas tanto por homens e mulheres quanto por crianças? (2009,p.73)

Quando olhamos para imagens eróticas antigas, separadas de seu contexto, como a apresentada acima, não temos a menor percepção do que elas significavam na vida cotidiana romana. Assim, de maneira descontextualizada, estas representações iconográficas foram interpretadas ao longo dos séculos, pelos primeiros arqueólogos que escavaram a cidade como imagens pornográficas. O arqueólogo alemão C.O. Müller, foi um dos precursores do uso deste termo, quando, em 1850, se deparou com inúmeros objetos “obscenos” em suas escavações, consultou um dicionário de língua grega, e lá encontrou uma palavra semelhante à *pornographein* significando *escrever sobre*

prostitutas (*pornos-* prostitutas e *graphô-* escrever), o que ele considerou adequado para se referir aos objetos encontrados em Pompeia. Contudo como afirma o arqueólogo e historiador da arte John R. Clarke, o termo pornográfico, como o concebemos atualmente, era totalmente desconhecido para os romanos e, portanto, representações de cunho eróticos não eram tidas como pornografias (2003, p.12).

Durante séculos, pinturas como esta, apresentada acima, e outros objetos, foram catalogados como pornográficos, obscenos e com viés representativo de sexo explícito. Os que não foram destruídos no momento do achado, foram trancados em salas vigiadas, onde o público não teria acesso, como foi o caso do *Museu Nazionale di Napoli*. Os afrescos, considerados agressivos para a moral dominante da época, foram retirados das paredes originais e levados para o museu, assim como as lamparinas e pingentes com representações fálicas, que foram trancafiados na Coleção Pornográfica. (FEITOSA, 2005, p.42)

A restrição de acesso a estas pinturas se deu no auge das escavações de Pompeia, quando um regime fascista controlava o governo da Itália e, como forma de legitimação, buscava no Império Romano um mito de origem para justificar uma série de políticas autoritárias e expansionistas.⁸⁷ Esconder, destruir ou trancafiar no *Museu Nazionale di Napoli* os objetos de cunho erótico era fundamentado na ideia e moralidade social da época. Conforme Cavicchioli:

Uma vez que o catolicismo vincula a sexualidade à ideia de pecado, a doutrina fascista não poderia considerar-se herdeira de uma sexualidade tão explícita. Seria, portanto, mais adequado negar o acesso a tal coleção (CAVICCHIOLI, 2009, p.74).

⁸⁷ Ver: GARRAFFONI, R.S.; SANFELICE, P.P. “Em tempos de culto a Marte por que estudar Vênus? Repensando o papel de Pompeia durante a II Guerra”. In: **Poderes e Saberes no Mundo Romano: estudos Ibero-Latino-Americanos**. (No prelo).

A pintura apresentada anteriormente (figura 1) faz parte desta coleção.⁸⁸ O arqueólogo J.R. Clarke teve acesso a esse afresco, e aos relatórios das escavações desse material, os quais apresentam um mapa do local de origem, aquarelas que ilustravam o contexto e um conjunto de outros materiais encontrados neste mesmo sítio arqueológico. Essa pintura se encontrava nas paredes da Casa de Caecillus lucundus, um homem de negócios da cidade de Pompeia. Antonio Sogliano, quem escavou esta casa em 1875, encontrou junto com a pintura outras 154 tabuinhas de cera, nas quais registravam negociações de Caecillus lucundus, tais como venda de animais, roupas e escravos. Com os dados interpretativos destes materiais, sabe-se então, que Caecillus era um homem de prestígio na cidade (ou alguém que buscava obter este prestígio) e, por ser um ambiente pertencente a uma camada elevada da sociedade, Sogliano provavelmente considerou ofensiva uma pintura de cunho erótico naquele local, o que poderia prejudicar a reputação e a interpretação difundida sobre a elite imperial romana (CLARKE, 2003, p.34).

Baseando-se nestas documentações e em alguns outros registros de escavação deste sítio arqueológico, J.R. Clarke fez uma possível reconstituição do ambiente, a fim de compreender esta pintura em seu próprio contexto arqueológico, como apresentamos a seguir:

⁸⁸ Somente no ano 2000 foi aberta ao público uma exposição do acervo iconográfico que representava a sexualidade, ainda sob pressões do Vaticano, que tentou vetar a apresentação de objetos *obscenos*. Atualmente a sala encontra-se aberta ao público, contudo, só é liberado o acesso mediante um agendamento prévio com horários específicos e acompanhado por um guia do museu. Isso demonstra que, mesmo nos dias atuais, tal material é tratado com reticência, bem como a temática sexualidade, pouco abordada até recentemente pela academia.



Figura 2- Reconstituição digitalizada da pintura

Fonte: CLARKE, J.R.. **Roman Sex- 100 BC- AD 250.** New York: Harry N. Abrams. 2003.p.34.

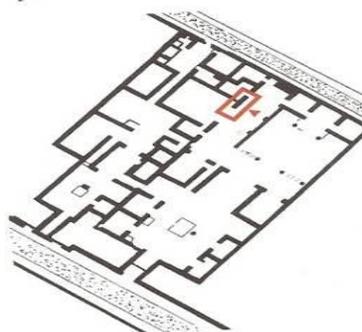


Figura 3- Casa de Caecillus lucundus

Fonte: CLARKE, J.R.. **Roman Sex- 100 BC- AD 250.** New York: Harry N. Abrams. 2003.p.35.

De acordo com os estudos deste pesquisador, a reconstituição digitalizada e o mapa da localização desta pintura, podemos perceber que a pintura do “casal na cama” se encontra em uma parede voltada para um jardim, localizado entre duas portas de entradas (um ambiente maior que seria a sala de jantar e negócios, e uma sala menor que seria um quarto de entretenimento e intimidade). Para Clarke a disposição dessa pintura simboliza que Caecillus lucundus tinha por objetivo imitar um comportamento muito difundido entre a elite romana, em específico a pompeiana, que era o hábito de ostentar seu status social por meio da decoração (CLARKE, 2003, p.34).

Sabe-se que era comum, durante o período Imperial, que as casas fossem decoradas com extremo luxo, conforme Andrew Wallace-Hadrill “o luxo não era um desperdício sem sentido, era uma necessidade na alta sociedade” (1994, p.4), pois o maior o propósito de uma casa romana era agradar os seus visitantes, tendo em vista que,

A relação estreita entre a habitação e a posição social só é compreensível em vista da natureza peculiar da vida pública romana. O que ainda é desconhecido sobre o mundo do mediterrâneo é que a casa era um lugar de vida pública. (WALLACE-HADRILL, 1994, p.05)

Desse modo, Wallace-Hadrill afirma que as exigências da vida social impulsionavam os romanos de um determinado *stratus social* a construírem e ornarem suas casas ricamente. Alguém que pertencesse à elite romana teria pelo menos uma sala de tamanho considerável, e amplamente decorada, para receber seus visitantes e praticar seus negócios e comércio. E nestas salas, geralmente o *triclium* ou no *atrium*, possuíam inúmeras pinturas nas paredes, mosaicos no seu chão, esculturas a fim de ostentar a luxuosidade destes ambientes. Sabe-se que uma casa romana era frequentada basicamente por três grupos, os seus moradores, os escravos e os visitantes. Quanto mais rico fosse o proprietário, mais visitantes e escravos teria. Quanto maior seu status social menos privacidade se tinha dentro do espaço doméstico. Como é possível averiguar nos mapas arqueológicos das casas, as configurações arquitetônicas eram estabelecidas a fim de proporcionar ao passante uma visão panorâmica da maioria dos ambientes que compunham este local de habitação. Ao configurar desta forma a casa, o morador buscava oferecer aos pedestres uma visão privilegiada de seu poder econômico através da luxuosidade apresentada em diferentes localizações espaciais que compunham sua moradia.

O autor Wallace-Hadrill afirma que um homem rico não decorava toda a sua casa, mas somente os ambientes principais, os de uso público (1994, p.150). Diante da reconstituição de Clarke sabe-se que a pintura do “casal na cama” se encontra em um jardim, e não dentro de uma sala, como era comum para época. Assim, pode se inferir que Caecillus Lucundus tinha por objetivo imitar um comportamento da elite romana, e pretendia de certa forma ser aceito nesse grupo social (HINGLEY, 2005).

Outro ponto que gostaríamos de ressaltar é no tocante do uso das pinturas como significativos documentos para se compreender a vida social romana. Conforme a documentação existente e a disposição desta pintura em seu ambiente, percebemos que as representações de cunho erótico era algo cultivado no cotidiano romano. Diferente do

que se tentou esconder (através dos gabinetes proibidos), essas pinturas eram apreciadas e necessárias para legitimar a condição social da elite romana. Apontamos como uma importante contribuição para estes debates os estudos da historiadora Marina Cavicchioli, que possui vastas pesquisas a respeito dos significados das imagens eróticas e suas contribuições para contrapor discursos históricos que propõem uma submissão feminina ao sexo masculino, inclusive na cópula. A autora demonstra que algumas imagens, inclusive a apresentada acima, são capazes de propor uma autonomia feminina, e inclusive uma atitude de domínio ao se observar as posturas que elas assumem nas imagens (CAVICCHIOLI, 2003).

Assim ressaltamos que é preciso compreender os significados destes elementos que se reportam a sexualidade e, principalmente, identificar que sentido eles podem possuir na vida cotidiana romana. O historiador Roger Ling, na obra *Pompeii: History, life and after life*, afirma que na cidade de Pompeia havia uma vasta cultura com representações sexuais, que podem ser percebidas através do culto aos símbolos fálicos feitos, em sua grande maioria, de terracota, e que fixados em paredes, ruas ou locais de trabalho, eram interpretados como amuletos para atrair boa sorte, e agir contra os maus espíritos. Esses talismãs foram comuns no mundo antigo e refletem a importância da fertilidade para as sociedades onde a mortalidade infantil era elevada e a prosperidade dependia do sucesso da colheita e da safra (LING, 2005, p.114).



Figura 4- Campainhas romanas

Fonte: CLARKE, J.R.. **Roman Sex-100 BC- AD 250**. New York: Harry N. Abrams. 2003.p.25.

O Historiador Pedro Paulo Funari, que há muitos anos vem estudando a sexualidade romana, também faz menção à simbologia fálica, afirma que o culto a estes objetos faz parte de hábitos apotrópicos, destinados a afastar o mal olhado: “as representações e ilustrações fálicas eram usadas, especialmente, para afastar as forças negativas (a raiz do verbo grego *apotropein* – “desviar”) (1194, p.02), atraindo assim boas vibrações e prosperidade. Para Funari, o símbolo fálico é um ícone da fertilidade, faz referências explícitas à cópula, tendo assim, uma conotação extremamente positiva, quase que religiosa:

O membro masculino em ereção era associado, na Antiguidade clássica à vida, à fecundidade e à sorte. A própria palavra *falo*, emprestada pelos romanos aos gregos, designava primordialmente, objetos religiosos em forma de pênis, usados no culto de Baco. (...) O falo não apenas afastava o mal como trazia sorte e felicidade. Recorde-se que a palavra latina *felicitas*, a um só tempo, “felicidade” e “sorte”, ambos os sentidos derivados do sentido original de *felix*, “fertil” (FUNARI, 2003, p.316).

Cabe ainda ressaltar que, assim como o falo, havia também uma série de crenças e divindades vinculadas à fertilidade e a terra. Destacamos o deus Príapo⁸⁹, encarregado de proteger campos e hortas, cuja principal característica é o seu estado ininterrupto de ereção. Ou a divindade Hermafrodita, que carrega em si um enorme poder sexual e de fertilidade por possuir ao mesmo tempo os órgãos masculino e feminino. E, em se tratando da sexualidade no campo da religiosidade, propomos debater com mais detalhes a divindade mais cultuada na cidade de Pompeia, a qual foi destinada a função de proteger a cidade - Vênus, considerada deusa do amor e da fertilidade. Particularmente, em Pompeia, a deusa Venus possui extrema relevância, pois no momento em que a cidade foi anexada por Sila ao Império Romano no ano de 80 a.C., ela passou a chamar-se *Colonia Cornelia Veneria Pompeianorum*, indicando em seu nome a proteção e a influência da

⁸⁹ Ver figuras 8 e 9.

deusa do amor entre seus habitantes. Tal fato explica a enorme quantidade de pinturas, esculturas e grafites espalhados pela região.

Em uma primeira observação, será possível notar nestas figuras a conexão desta divindade com diversos elementos, como o de beleza (onde a deusa aparece ricamente ornamentada por jóias ou segurando espelhos), eróticos e em relações amorosas (ao aparecer nua, e às vezes junto de seu amante Marte, ou com o Cupido e Eros).



Figura 5- Namoro de Marte e Vênus

Fonte: MAIURI, A., **Roman Painting.** Skira, New York, 1953, p.78

Nesta representação (figura 5), há a temática recorrente nas paredes pompeianas, o namoro de Marte e Vênus. A deusa está representada sentada, envolta em um manto, com um ar meditativo, de uma jovem noiva. Marte está envolvido por uma veste azul e um capacete de crista. Sabe-se que a pintura está climatizada num quarto, pois possuem elementos próprios deste cômodo, tais como o sofá, coberto por ricos tecidos e as colchas. Na imagem, há também a representação de um Cupido, além de dois criados na direita, que parecem estar esperando por uma ordem de sua senhora para poder prosseguir com o “ritual de casamento” da noiva. Há também duas outras mulheres que

observam a deusa por trás de um cômodo, ao lado de um homem, uma figura alada, com uma pele bronzeada e um olhar vigilante. Conforme Paul Veyne, esta figura alada, que parece entre as moças, é muito comum em retratos de rituais de casamento, é a imagem do guardião, postado diante da porta do quarto nupcial, que tem por função proteger os jovens esposos de uma eventual intrusão (VEYNE, 2008, p.211).

Consideramos importante mencionar que apesar de tantos personagens representados na composição, as figuras de maior destaque são Marte e Vênus. Sobretudo, a temática da sensualidade presente na cena, na qual podemos perceber a deusa guiando as mãos de seu amante em direção ao seu seio. Enquanto a sua outra mão está escondida entre os tecidos de sua vestimenta, o que associamos ao exato momento de cortejo e núpcias, a deusa do amor despindo-se para seu amante. Cenas semelhantes foram retratadas nas pinturas de Vênus e Marte (figuras 6 e 7)⁹⁰.

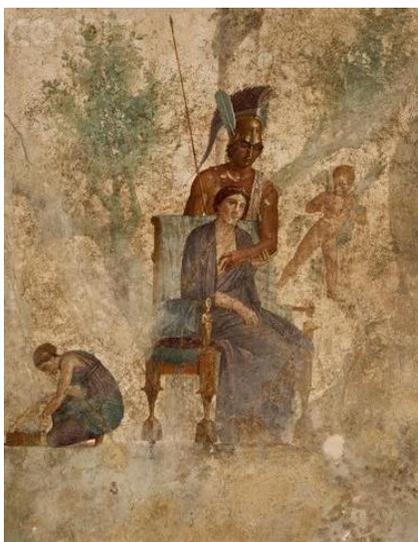


Figura 6- Namoro de Marte e Vênus

Fonte: LING, R., **Roman Painting.**
Cambridge University Press,
Cambridge, 1991,p.139

⁹⁰ Estas imagens foram analisadas com maiores detalhes na publicação: SANFELICE, P. P.. Amor e sexualidade: as representações da deusa Vênus nas paredes de Pompeia. **História e-História**, v. 2010, p. 01-20, 2010. Disponível em: < <http://www.historiahistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=330>>

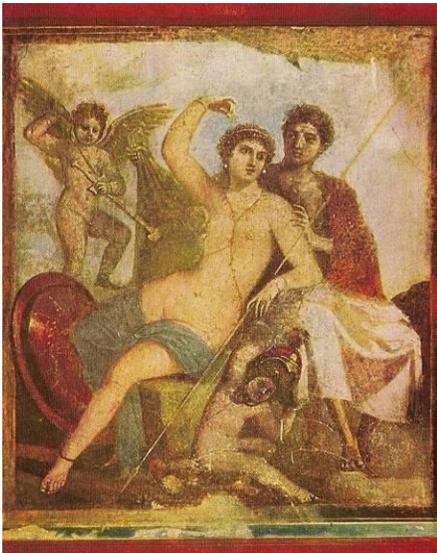


Figura 7- Vênus e Marte - Vênus na frente um pouco reclinada sobre os braços de Marte, semi coberta com um véu e os seios de fora. Dois cupidos os acompanham.

Fonte: MAIURI, A. **Pompeian Wall Paintings.** Switzerland: 1961. p.24.

Nesse sentido, fica claro que a representação da deusa Vênus, está além de uma divindade associada apenas ao amor e a beleza, através destas imagens pode-se identificar em Vênus componentes da vida sexo-amorosa. Como é demonstrado nas figuras a seguir (figuras 8 e 9):

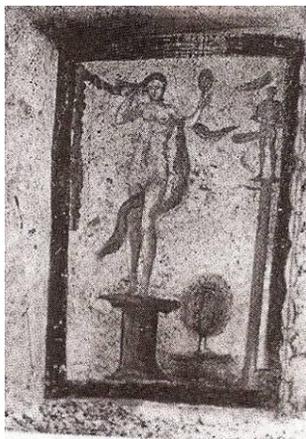


Figura 9



Figura 10

Fonte: CAVICCHIOLI, M.R.; Dissertação de mestrado: **As representações na iconografia pompeiana**, UNICAMP, Campinas, SP: 2004.

Nestas imagens Vênus aparece seminua e logo atrás, num plano superior e representado de maneira menor, temos a figura do deus Príapo, que também pode ser um homem representado com um grande falo. Diante desta composição, destacamos a maneira como o tecido sobe e também se inclina em direção a “Príapo”, sobretudo, em direção ao falo deste personagem, dando uma sensação de continuidade falo-tecido, insinuando de maneira simbólica e sutil um ato sexual.

A partir destas reflexões, destacamos que representações fálicas e sexuais estavam em diversos artefatos da cultura material, representando, assim os sentimentos e crenças de uma ampla gama de pessoas. A sexualidade era algo tão presente nesta cultura e diretamente ligada ao sagrado, que até mesmo os seus deuses e fundadores provêm de uma origem sexuada, um exemplo disso está no mito da criação de Roma no qual Rômulo e Remo, os fundadores da cidade, são filhos da união oculta entre Réa Silvia e o deus Marte. Desse modo, propusemos evidenciar que no interior da sociedade romana, a sexualidade durante muitos anos recebeu de fato o *tratamento lascivo*, como expôs Voss e Schimidt (2000), obras referentes a estas temáticas foram trancafiadas, destruídas e principalmente, descontextualizadas. Em nossas discussões não tivemos a pretensão de afirmar categoricamente que todas as imagens de cunho sexual espalhadas por Pompeia ou por Roma estavam relacionadas religião, ou que os romanos não tinha prazer e estímulo sexual ao observar tais representações, pelo contrário, buscamos evidenciar que assuntos que envolvem a sexualidade podem ter interpretações múltiplas, e que não necessitam estar excluídos dos aspectos da vida cotidiana, entre eles destacamos a religiosidade. Como afirma Tatiana Kuzntsova-Resende, da fertilidade dependia o desenvolvimento da própria civilização, pois em épocas em que o nível técnico na agricultura e medicina era baixo, a fertilidade- vegetal, animal, humana- assumia uma importância primordial. Assim tudo o que era ligado a fertilidade e procriação era alvo de

grandes cuidados, “não podendo faltar aí os cuidados dispensados por uma figura divina. Certos traços específicos das mentalidades e dos comportamentos coletivos na Antiguidade estão relacionados precisamente com essa situação” (2009, p.459).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, reforçamos que o intuito de abordar tais temáticas é questionar a percepção homogênea que se tem da sociedade romana, principalmente a que trata da historiografia do Império, que enfatiza que os romanos estariam somente preocupados com as conquistas territoriais e políticas, ressaltando dessa forma o passado de grandes homens. Ressaltamos ainda, que a documentação material se tornou essencial para o avanço das pesquisas a respeito da sexualidade na antiguidade, em decorrência da importância peculiar que a cultura material possuía neste contexto. Deste modo, um estudo mais detalhado, como o de Pompeia, que leva em conta uma gama mais ampla de evidências, possibilita uma compreensão mais equilibrada do Império Romano. Acrescentamos ainda, que a interpretação desses materiais por meio da Arqueologia em um diálogo com os estudos de gênero e das sexualidades podem propiciar valiosas reflexões sobre nossas próprias relações sociais, conceitos e valores e, principalmente de como os projetamos para a Antiguidade. Assim, esses questionamentos se tornam necessários na medida em que possibilitam a construção de novas interpretações sobre a cultura e os povos, pluralizando a História e trazendo à tona uma Antiguidade Romana mais complexa e dinâmica.

REFERÊNCIAS

BERNAL, M.. A Imagem da Grécia Antiga como uma ferramenta para o colonialismo e para a hegemonia européia. In: FUNARI, P.P. (Org.). **Repensando o Mundo Antigo**. Coleção Textos Didáticos nº49. Campinas: IFCH-UNICAMP. 2005.

CAVICCHIOLI, M. R. **A sexualidade no olhar: um estudo da iconografia Pompeiana**, Tese de Doutorado, Campinas: UNICAMP. 2009.

_____. “A posição da mulher na Roma Antiga: do discurso acadêmico ao ato sexual”. In: FEITOSA, L., FUNARI, P. E SILVA, G.. **Amor, Desejo e Poder na Antigüidade**. Campinas: Ed.Unicamp, 2003. p.287-296.

_____. Tese de Doutorado: **A sexualidade no olhar: um estudo da iconografia Pompeiana**. Campinas, SP: 2009.

_____. **As representações na iconografia pompeiana**, Dissertação de mestrado: UNICAMP, Campinas, SP: 2004.

CLARKE, J.R.. **Roman Sex- 100 BC- AD 250**. New York: Harry N. Abrams. 2003.

FEITOSA, L. C.; **Amor e sexualidade: o masculino e o feminino em grafites de Pompéia**. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2005.

_____; FUNARI, P. E SILVA, G.. **Amor, Desejo e Poder na Antigüidade**. Campinas: Ed.Unicamp, 2003.

_____; RAGO, M. “Somos tão antigos quanto modernos? Sexualidade e gênero na Antigüidade e na modernidade. In: RAGO, M. (Org.); FUNARI P.P. (Org). **Subjetividades antigas e modernas**. São Paulo: Anablumme, 2008.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola. 1996.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 10ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

FUNARI, P.P.; “As inscrições populares pompeianas e seu caráter apotropaico”. Artigo apresentado, originalmente, no Grupo de Trabalho “Os sentidos do Apotropaico”, no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo: 1994.

FUNARI, P.P.; “Falos e Relações Sexuais: Representações romanas para além da “natureza””. In: FEITOSA, L., FUNARI, P. E SILVA, G.. **Amor, Desejo e Poder na Antigüidade**. Campinas: Ed.Unicamp, 2003.

GARRAFFONI, R.S.; FUNARI, P.P.; PINTO, R.; “O estudo da Antiguidade no Brasil: as contribuições das discussões teóricas recentes”. In: HINGLEY, R., **O Imperialismo romano: novas perspectivas a partir da Bretanha**-São Paulo: Annablume, 2010

_____; SANFELICE, P.P. “Em tempos de culto a Marte por que estudar Vênus? Repensando o papel de Pompeia durante a II Guerra”. In: **Poderes e Saberes no Mundo Romano: estudos Ibero-Latino-Americanos**. (No prelo).

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HINGLEY, R. **Globalizing Roman Culture - Unity, diversity and Empire**, Londres: Routledge. 2005.; HINGLEY, R. **O Imperialismo romano: novas perspectivas a partir da Bretanha**, São Paulo: Annablume. 2010.

HINGLEY, R. **Globalizing Roman Culture - Unity, diversity and Empire**, Londres: Routledge. 2005.

_____. **Pós-Modernismo e Política**. Rio de Janeiro: Editora Rocco. 1992.

JENKINS, K. **A História repensada**. São Paulo: Editora Contexto. 2005.

KUZNETSOVA-RESENDE, T. “Sexualidade e rituais báquicos” p.457-468. In: RAMOS, J.A.; FIALHO, M.; RODRIGUES, N.S. (Orgs). **A sexualidade no mundo antigo**. Portugal: Clássica – Artes Gráficas. 2009.

LAURENCE, R. **Roman Passions: A History of pleasures in Imperial Rome**. Continuum: New York, 2009.

LING, R. **Pompeii: History, Life and Afterlife**. Tempus Publishing Limited, 2005.

LING, R. **Roman Painting**. Cambridge University Press, Cambridge, 1991.

- MAIURI, A. **Pompeian Wall Paintings**. Switzerland: 1961.
- MAIURI, A., **Roman Painting**. Skira, New York, 1953.
- OVÍDIO. Livro II. In: **Ars Amatoria. A Arte de Amar**. Tradução de Dúnia Marinho da Silva. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- RAGO, Luzia Margareth. O efeito-Foucault na historiografia brasileira. In: **Revista Tempo Social**. Vol. 7(1-2). São Paulo: USP, Outubro de 1995.
- _____; FUNARI P.P. (Org). **Subjetividades antigas e modernas**. São Paulo, Anablumme, 2008.
- SALIS, V.D. **Mitologia Viva: aprendendo com os deuses a arte de viver e amar**. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2003.
- SANFELICE, P. P.. Amor e sexualidade: as representações da deusa Vênus nas paredes de Pompeia. **História e-História**, v. 2010, p. 01-20, 2010. Disponível em: <<http://www.historiahistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=330>>
- SCHWAB, G.. **As mais belas histórias da Antiguidade clássica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- SCOTT, Joan W. “Gênero, uma categoria útil de análise histórica”. In: **Educação e Realidade: gênero e educação**, v.20, p.71-99, Florianópolis: Ed. Mulheres. Jul/dez., 1995.
- VEYNE, P. **Sexo e Poder em Roma**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- VOSS, B.L.; SCHIMIDT, R. A. Archaeologies of sexuality: an introduction. In: VOSS, B.L.; SCHIMIDT, R. A.; **Archaeologies of sexuality**. London: Routledge. 2000.
- WALLACE-HADRILL, A. **Houses and Society in Pompeii and Herculaneum**. New Jersey: Princeton University Press. 1994.